

**XXIV ENCONTRO NACIONAL DO
CONPEDI - UFS**

FILOSOFIA DO DIREITO

CONSTANÇA TEREZINHA MARCONDES CESAR

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria – Conpedi

Presidente - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa – UFRN

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. José Alcebíades de Oliveira Junior - UFRGS

Vice-presidente Sudeste - Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UCAM

Vice-presidente Nordeste - Profa. Dra. Gina Vidal Marcílio Pompeu - UNIFOR

Vice-presidente Norte/Centro - Profa. Dra. Julia Maurmann Ximenes - IDP

Secretário Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC

Secretário Adjunto - Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto – Mackenzie

Conselho Fiscal

Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG /PUC PR

Prof. Dr. Roberto Correia da Silva Gomes Caldas - PUC SP

Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Napolini Sanches - UNINOVE

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS (suplente)

Prof. Dr. Paulo Roberto Lyrio Pimenta - UFBA (suplente)

Representante Discente - Mestrando Caio Augusto Souza Lara - UFMG (titular)

Secretarias

Diretor de Informática - Prof. Dr. Aires José Rover – UFSC

Diretor de Relações com a Graduação - Prof. Dr. Alexandre Walmott Borgs – UFU

Diretor de Relações Internacionais - Prof. Dr. Antonio Carlos Diniz Murta - FUMEC

Diretora de Apoio Institucional - Profa. Dra. Clerilei Aparecida Bier - UDESC

Diretor de Educação Jurídica - Prof. Dr. Eid Badr - UEA / ESBAM / OAB-AM

Diretoras de Eventos - Profa. Dra. Valesca Raizer Borges Moschen – UFES e Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - UNICURITIBA

Diretor de Apoio Interinstitucional - Prof. Dr. Vladimir Oliveira da Silveira – UNINOVE

F488

Filosofia do direito [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI/UFS;

Coordenadores: Clóvis Marinho de Barros Falcão, Constança Terezinha Marcondes Cesar – Florianópolis: CONPEDI, 2015.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-5505-056-5

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: DIREITO, CONSTITUIÇÃO E CIDADANIA: contribuições para os objetivos de desenvolvimento do Milênio

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Brasil – Encontros. 2. Filosofia. I. Encontro Nacional do CONPEDI/UFS (24. : 2015 : Aracaju, SE).

CDU: 34



CONPEDI

Conselho Nacional de Pesquisa
e Pós-Graduação em Direito

Florianópolis – Santa Catarina – SC

www.conpedi.org.br

XXIV ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI - UFS

FILOSOFIA DO DIREITO

Apresentação

É com satisfação que apresentamos os trabalhos apresentados no GT de Filosofia do Direito do XXIV Encontro Nacional do Conpedi, realizado no campus da Universidade Federal de Sergipe. É sempre preciosa uma oportunidade de discutir um campo tão antigo, e tão importante para compreender e também testar os limites do pensamento jurídico. Os pesquisadores, uma vez mais, demonstraram como é rica e plural a produção jurídico-filosófica nas escolas de direito no Brasil. Mais do que a quantidade, precisamos aumentar a qualidade do trabalho em filosofia do direito, e o evento abraçou essa ideia.

O livro tem uma importância dupla. Por um lado, registra o trabalho desenvolvido pelos pesquisadores e apresentados à avaliação e seleção desta banca; por outro, permite ampliar a perspectiva e continuar os diálogos que apenas iniciaram nos poucos minutos destinados à apresentação de cada trabalho. A pesquisa, ainda mais quando envolve a reflexão filosófica, pede calma, e seria muito limitada se constituída apenas da apresentação e da sessão de perguntas. O texto, amadurecido e costurado pelos autores, permite o contato silencioso e calmo com cada trabalho apresentado, singularmente valioso.

Este livro é, antes de tudo, um convite à conversa e à reflexão. Entre tantos e variados temas, cada leitor encontrará uma mesa em que se sentirá mais à vontade, puxará sua cadeira e interagirá com dedicados pesquisadores. Esperamos que a publicação desses trabalhos integre mais pessoas à deliciosa conversa do dia 4 de julho de 2015.

Os coordenadores.

A RELAÇÃO ENTRE LIBERDADE E RESPONSABILIDADE NAS OBRAS O SER E O NADA E O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO

THE RELATIONSHIP BETWEEN FREEDOM AND RESPONSIBILITY IN BEING AND NOTHINGNESS AND THE EXISTENTIALISM IS A HUMANISM

Wagner Facundo Fantoni

Resumo

Segundo expõe Jean-Paul Sartre na obra O Ser e o Nada, o homem é um projeto de vida (projeto fundamental) que, por sua vez, é fruto de diversas escolhas. Estas ocorrerão, inevitavelmente, já que o homem é condenado a ser livre. Em outras palavras, ainda que não escolha livremente entre as possibilidades postas diante de si, o indivíduo já exerceu sua liberdade de maneira omissiva. Para Sartre, o homem pode exercer o projeto de vida que bem lhe aprouver, independentemente de ser moral ou não. Todavia, tal filósofo expõe a consequência das escolhas humanas, qual seja, a responsabilidade (individual e coletiva). Por isto, no Livro O Existencialismo é um Humanismo ele anuncia um princípio de etiquetamento, segundo o qual cada projeto individual se apresenta como algo bom para as outras pessoas. Considerando todos estes elementos, o objetivo deste artigo é estudar a relação entre liberdade e responsabilidade nestas obras filosóficas, analisar os problemas decorrentes do referido enlace e descobrir o verdadeiro sentido de responsabilidade de acordo com Jean-Paul Sartre. Foram analisados os planos de vida conflitantes de Adolf Otto Eichmann e Simon Wiesenthal, de forma a evidenciar a relação entre liberdade e responsabilidade. Assim, em resumo, será apresentada resposta ao problema da suposta permissibilidade da doutrina de Sartre em favor de projetos humanos injustos.

Palavras-chave: Jean-paul sartre. projeto fundamental. liberdade. responsabilidade.

Abstract/Resumen/Résumé

According to Jean-Paul Sartres explanation in Being and Nothing, the human being is a life project (fundamental project) which, in turn, results of various choices. These options will occur, inevitably, since man is condemned to freedom. In others words, if he does not choose freely among the possibilities presented to him, man has exercised his freedom in the omission sense. For Sartre, man can choose your life project, whether moral or not. However, this philosopher exposes the result of human choices, namely, responsibility (individual or collective). Therefore, in Existentialism is a Humanism he announces a principle of labeling, that each individual project is presented as something "good" for other people. Considering all these factors, the aim of this paper is to study the relationship between freedom and responsibility in these philosophical works, analyze the problems derived from this link and find out the true sense of responsibility according to Jean-Paul Sartre. The conflicting life plans of Adolf Otto Eichmann and Simon Wiesenthal were analyzed, in order to highlight the

relationship between freedom and responsibility. Thus, in summary, an answer will be presented to the problem of alleged permissibility of Sartre's doctrine regarding unjust human projects.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Jean-paul sartre. fundamental project. freedom. responsibility.

1 INTRODUÇÃO

O Ser e o Nada é uma das grandes obras do filósofo francês Jean-Paul Sartre, que consiste basicamente num projeto sobre a formação humana. Tal filósofo entende que o homem estabelece o seu plano de vida em direção ao futuro, também denominado projeto individual ou fundamental, por meio do qual se forma. Desta maneira, o homem não possui qualquer caráter basilar, que, nesta condição, perpassaria sua vida inteira. Para o referido filósofo, “a essência é o é tendo sido,” e “a existência precede a essência.” Estas são as teses do existencialismo de Sartre. Segundo estas, o homem é inicialmente um vazio, um nada. Ele é algo a se desenvolver, uma potencialidade. Ele nasce sem essência, portanto. Sendo assim, o indivíduo deve buscar aquele projeto “livremente” em direção ao futuro, por meio do qual poderá alcançar sua essência. Ele é livre para fazer escolhas, mesmo diante de diversas opções angustiantes, ainda que isto lhe cause diversos conflitos existenciais. Mas ao fazer isto, surgem consequências, entre as quais está o que Sartre chama de responsabilidade. O exercício da liberdade não repercute apenas individualmente, ou seja, em seu projeto de vida, mas também em toda a sociedade, segundo tal filósofo, o que será estudado a seguir, em conjunto com outra obra dele, qual seja, *O Existencialismo é um Humanismo*.

Contudo, a noção de liberdade desenvolvida por Sartre é muito ampla e poderosa, o que permite ao indivíduo exercer inicialmente todas as formas de projetos de vida, inclusive imorais, ilegais etc. Em virtude disto, diversos problemas devem ser solucionados para se entender em seguida o sentido correto de responsabilidade e o enlace realizado entre esta e a liberdade. Além disto, serão utilizados neste trabalho acadêmico os projetos fundamentais e antagônicos de Adolf Otto Eichmann e de Simon Wiesenthal para evidenciar tal relação. Tais procedimentos permitirão entender se a amplitude e a importância dadas à noção de liberdade por Sartre expressariam sua suposta condescendência com projetos de vida injustos (imorais, ilegais, racistas etc.).

2 O PROJETO HUMANO

O projeto humano é uma tarefa individual, pois, para Sartre, cada homem se prepara para ser algo no futuro. (COX, 2007, p. 89). O filósofo francês pretende entender a relação

entre o homem, sua essência¹ e o seu projeto de vida. Para tanto, Sartre não admite que o sujeito possua um caráter fundamental, ou seja, uma característica que percorra sua vida inteira e o impeça de mudar o curso de sua trajetória. Não há nada que se coloque entre o sujeito e aquilo que ele possa se tornar: guerrilheiro, médico, suicida, advogado, militar, nazista etc.

Frise-se também que o projeto fundamental não se confunde com um objetivo instantâneo. Aquele consiste numa escolha muito mais ampla, para a qual cada objetivo momentâneo e intermediário deve convergir (MORRIS, 2009, p. 186).

É também importante dizer que o projeto fundamental “pode” ser fruto de uma escolha. Contudo, escolher não é necessariamente fácil. Ao contrário, pode ser muito difícil e gerar conflitos existenciais angustiantes. Caso estes sejam ultrapassados, o sujeito poderá exercer aquilo que escolheu.

Desta maneira, se o homem nasce sem essência, ele deve se construir por meio da realização de seu projeto de vida. Apesar disto, porém, a essência não é condição necessária para cada um ser o que é; ela é o resultado de uma vida. Todavia, para alcançá-la, deve-se escolher o respectivo projeto fundamental, observando a concepção de liberdade. Diante de uma gama de opções, ainda que angustiantes, o sujeito deve realizar sua escolha livremente.

3 A LIBERDADE

Para tratar da liberdade, Sartre aborda inicialmente os obstáculos existentes no mundo, o que ele também chama de “a situação.” Tais barreiras devem ser superadas pelo para-si (sujeito, pessoa). Entretanto, são justamente estes obstáculos, resistências, que justificam a liberdade, no sentir daquele filósofo. É por isto que, na quarta parte do livro *O Ser e o Nada*, no subcapítulo denominado *Liberdade e Facticidade: a situação*, Sartre estabelece o seguinte:

Mas sendo assim, a ordem mesmo dos existentes é indispensável à própria liberdade. É por meio deles que a liberdade é separada do e reunida ao fim que persegue e lhe anuncia o que ela é. De sorte que as resistências que a liberdade desvela no existente, longe de constituir um perigo para ela, nada

¹ A essência é a caracterização integral da vida do sujeito. Significa o que ele foi. Ele foi um médico caridoso? Um político corrupto? Assassino impiedoso? Pedófilo? Artista consagrado? Se, por hipótese, algum destes exemplos corresponder à caracterização total da vida de alguém, esta será a sua essência.

mais fazem do que permitir-lhe surgir como liberdade. (SARTRE, 2012, p. 595)

Mais adiante, ainda no mesmo subcapítulo, Sartre também argumenta:

É preciso observar, contudo, que a escolha, sendo idêntica ao fazer, pressupõe um começo de realização, de modo a se distinguir do sonho e do desejo. Assim, não diremos que um prisioneiro é sempre livre para desejar sua libertação, o que seria um truísmo irrelevante, mas sim que é sempre livre para tentar escapar (ou fazer-se libertar) – ou seja, qualquer que seja sua condição, ele pode projetar sua evasão e descobrir o valor de seu projeto por um começo de ação. (SARTRE, 2012, p. 595)

Da análise dos trechos acima, percebe-se que, somente superando as resistências (obstáculos) que impedem a realização dos seus projetos fundamentais, os homens são livres. Doutrinadores renomados confirmam este entendimento (BORNHEIM, 2011, p. 118). Logo, a liberdade é explicada a partir de tais barreiras, a situação. Por outro lado, sem a liberdade não há que se falar em situação. Esta só faz sentido diante daquela. São conceitos que se enlaçam. Sendo assim, um prisioneiro é livre para exercer ou não a escolha de escapar, mediante a superação da “situação” posta diante dele.

Verifica-se que a noção de liberdade é muito importante para o desenvolvimento da tese de Sartre, no livro *O Ser e o Nada* (MÉSZAROS, 2012, p. 27). A liberdade, ao lado da angústia,² é responsável pelo fato de o homem ser o que é. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Cecília Pires expõe em obra organizada por Diego Ecker e Ésio Francisco Salvetti:

Sartre foi um sujeito que pensou e viveu a liberdade sem pré-condições. Ou, dito de outro modo, a ideia de liberdade toma um lugar central no fio da trama de sua vida. A ênfase reside no elemento originário, quando a liberdade aparece como algo inexorável para a humanidade, que deve viver sua própria história de sujeitos livres. Fora disso, o homem se torna um objeto qualquer, pode até se petrificar em ser. (ECKER; SALVETTI, 2013, p. 108)

A liberdade é tão importante que perpassa todos os sentimentos, escolhas, conflitos existenciais, categorizações do em-si³ etc. Logo, resultará em responsabilidade, pois é

² A angústia é um conflito existencial que antecede o exercício da liberdade de escolha de opções. É a partir da angústia que o sujeito se torna humano. Sempre que se abre mão da angústia e da liberdade, são abandonados aspectos caracterizadores do homem. A partir da angústia (nascida da possibilidade de decidir), o sujeito reconhece a sua liberdade.

³ O em-si é o mundo ainda não categorizado pelo homem, é uma massa amorfa, indistinta.

direcionada à realização de escolhas. Diante de uma gama de opções, o homem está obrigado a escolher. Ainda que não o faça, já o fez, eis que escolheu não agir (COX, 2007, p. 90). É por isto que pode ser qualificada como sendo uma obrigação de liberdade (SARTRE, 2012, p. 79). Sendo assim, este filósofo e certos doutrinadores entendem que o homem está condenado a ser livre (SARTRE, 2012, p. 543).

Por outro lado, não é possível dizer que a liberdade se esgotaria. Mesmo diante da situação de ser obrigado a decidir, sob pena de morte, há opções: submeter-se à ordem coercitiva ou deixar que seja morto. Conduzida a ideia de liberdade à concepção de realização de escolhas, não é possível afirmar que ela se apagaria por completo (COX, 2007, p. 90). Ela é tão ampla, que sempre restam opções ao sujeito, mesmo diante de coerções extremas.

Mas o mundo poderia constranger a liberdade? A eliminação da liberdade não pode ocorrer, mas o seu constrangimento sim. O próprio Sartre sentiu a pressão do mundo contra a sua liberdade quando os nazistas invadiram a França, durante a Segunda Guerra Mundial. Com relação a isto, a doutrina mais abalizada é inequívoca: “Entretanto, se Sartre pôde assim se converter à liberdade, foi justamente porque se confrontara, nas horas mais sombrias da ocupação, com a redação das setecentas e vinte nove páginas de *O Ser e o Nada*.” (ROUDINESCO, 2007, p. 65). Por outro lado, as pressões do mundo podem ser tão fortes que uma pessoa pode inclusive abdicar de escolher algo, deixando-se assim influenciar e adotar, por exemplo, o projeto que terceiros escolheram para ela. Neste caso, ela não abraça a sua liberdade de escolher; ela simplesmente adere a uma decisão já feita por outros.

A cultura, a sociedade, a família tentam impor um projeto inicial, ou seja, estes constroem um plano para o outro. Porém, cada pessoa é livre para aceitar este projeto (e neste caso, a liberdade foi de certa forma exercida) ou se revoltar contra ele.

O olhar do outro representa também um meio de coerção/intimidação, pois constrange a ponto de alguém deixar de fazer algo por ter receio de ser assim julgado. Para Bedoya, há um confronto de liberdades, o que impõe a natureza conflituosa às relações humanas:

O outro enuncia o *tu és*... O outro nadifica o projetar-se do homem porque o nega, ele é negatividade, na medida em que o Outro me confere um ser que eu não me conferi; não sou o fundamento desse ser que eu sou para o Outro. E ser o fundamento do próprio ser é o projeto originário do homem. [...] A

relação originária com esse Outro é o *conflito*. Ele e eu somos duas liberdades que se confrontam. Tento me livrar de seu domínio e ele do meu; tendo subjuga-lo e ele a mim. (BEDOYA, 2006, p. 52, grifos do autor).

A título exemplificativo, vale dizer que os pais podem categorizar um dos filhos como sendo genial e outro como um idiota, problemático, desatento, violento, irresponsável etc. Esse olhar lhe dá uma espécie de essência inicial que poderá repercutir ou não no seu projeto fundamental. Mas cabe ao filho olhar para o mundo, interrogá-lo, e decidir se aceita que o mundo faça dele um idiota. Esta decisão não é fácil e repercutirá na escolha de seu projeto fundamental. Porém, não deixa de ser uma escolha, possibilitada justamente pelo exercício de sua liberdade. Neste sentido, o homem está condenado a ser livre, pois sempre deverá escolher: suicidar-se, viver, estudar, entregar-se às drogas, não escolher, ser cruel, ser respeitoso etc.

Além disso, é importante afirmar que o mundo chama o sujeito a praticar certos atos. Durante a guerra, seus partícipes são chamados a adotar determinadas condutas, tais como eliminar seus oponentes, estuprar as esposas destes etc. Nesta hipótese, mesmo negando a essência de guerrilheiro e suportando o olhar reprovador da tropa e, mesmo sofrendo toda a pressão do mundo (perseguições, assédio moral perpetrado pelos seus superiores hierárquicos etc), certo soldado pode optar por não praticar aqueles atos, tampouco se tornar um nazista, recusando o chamado do mundo neste sentido.

A liberdade nunca é eliminada: O homem é condenado a ser livre. Em virtude disto, interessa a Sartre a definição dela como sendo autonomia de escolha. (SARTRE, 2012, p. 595). Livre é o indivíduo que, mesmo diante de obstáculos, influências, coerções, escolhe e exercita seus projetos, independentemente disto.

Contudo, a realização de escolhas livres, diante de opções disponíveis, produz obviamente resultados no mundo, o que traz à baila a concepção de responsabilidade. Esta será estudada a seguir, juntamente com problemas relativos a ela.

4 RESPONSABILIDADE E ANÁLISE DE PROBLEMAS CORRELATOS

Em *O Ser e o Nada*, Sartre (2012, p. 678) afirma que, por estar condenado a ser livre, o homem “carrega sobre os ombros o peso do mundo inteiro: é responsável pelo mundo e por

si mesmo enquanto maneira de ser.” Ele associa neste ponto as concepções de liberdade e de responsabilidade, bem como estabelece a classificação desta em responsabilidade pessoal (individual) e uma espécie de responsabilidade social (pelo mundo, pelos demais).

A primeira é mais facilmente explicada, visto que perpassa aquela obra em inúmeros momentos. Está vinculada à noção de projeto fundamental, bem ainda às teses principais do filósofo francês: “a essência é o é tendo sido” (SARTRE, 2012, p. 79) e “a existência precede a essência” (SARTRE, 2012, p. 54). Em suma, segundo estas, na seara individual, o homem é um projeto e, ao buscá-lo e executá-lo, realiza atos pelos quais é responsável individualmente. Se o sujeito nasce vazio, sem essência, ele é responsável pela sua própria formação, pois é dotado da característica de exercer escolhas livres. Ao buscar e executar seu plano de vida, ele expressou a sua existência. Tudo isto antecede sua essência, já que esta demonstra o que ele realmente foi, de acordo com o seu projeto escolhido. Tais aspectos explicam o fato de ele ser responsável por si mesmo.

A título ilustrativo, há potencialmente consequências e responsabilidades a serem suportadas por aqueles que exerceram o projeto de se tornarem praticantes de bestialismo, cropofilia, vampirismo, riparofilia etc. Indivíduos que estabeleceram estes projetos fundamentais, embasados em tais distúrbios sexuais, malgrado não possuam “em tese” problemas mentais graves no sentido de lhes impossibilitar o convívio social, podem por exemplo prejudicar a si mesmos. Podem ser vítimas de suas próprias escolhas. Isto porque, sendo indivíduos praticantes de condutas sexuais desprovidas de asseio, colocam a própria saúde em risco por estarem muito mais expostos a vários tipos de doenças. Eles só obtêm prazer sexual através de atos que desprezam a higienização necessária, já que os praticam respectivamente com animais domésticos, em meio a fezes, em meio a sangue, ou com pessoas sujas, mendigos (FRANÇA, 2008, p. 245). Percebe-se que, ao exercer este tipo de projeto fundamental, tais pessoas estão sujeitas à responsabilidade decorrente de suas escolhas livres. Isto porque, diante de uma gama de opções, ainda que angustiantes, escolheram livremente projetos fundamentais que os expunham mais facilmente a enfermidades.

Mas, por outro lado, no trecho transcrito no introito da presente seção deste artigo científico, Sartre menciona que o peso carregado pelo homem sobre os ombros não diz respeito apenas a este, mas também ao próprio mundo. Cuida-se de responsabilidade social.

Neste ponto, as explicações tornam-se mais complexas. Por isto, é importante estabelecer e ultrapassar as seguintes questões:

I) Os projetos fundamentais devem ser morais? II) Tal filósofo pretende que indivíduo seja um exemplo para a sociedade? III) As ações dos indivíduos devem ser propositalmente coordenadas no sentido de resultar num projeto coletivo? IV) Se as pessoas devem livremente decidir sobre seus projetos individuais, independentemente da moralidade destes, é possível que Sartre vislumbre a coordenação absoluta daqueles? V) Na obra *O Existencialismo é um Humanismo* Sartre consegue solucionar aquelas questões? VI) Na livro *O Ser e O Nada*, ele consegue resolver estes problemas? VII) Qual é o sentido e como ocorre a responsabilidade?

Tais perguntas mostram a complexidade do tema, notadamente no que tange à conciliação da ideia de projeto individual fundamental com o aspecto de o homem ser responsável pelo mundo.

Em resposta à primeira pergunta, vale dizer que os projetos fundamentais para Sartre não são necessariamente morais. Ele não está preocupado com isto inicialmente. Segundo a doutrina mais abalizada, para Sartre “Não há natureza humana” [...] e nem uma “Moral Universal” [...]. (MOURA, 2012, p. 168). Assim, a possível imoralidade de alguns projetos impede esta universalidade ou generalidade moral. O livro *O Ser e o Nada* é direcionado à formação do homem, seja qual for o seu projeto fundamental. Porém, aquele filósofo não se descuida dos aspectos que fazem o homem ser o que ele é, a liberdade, a angústia e a responsabilidade, pois estes estão fortemente atrelados às suas teses fundamentais, quais sejam: “a essência é o que tendo sido” e “a existência precede a essência.”

Por outro lado, também fortalece esta resposta a concepção humana de transcendência, segundo a qual não há nada entre aquilo que o sujeito é e aquilo no qual ele poderá se transformar: um homem pode ser bom e se tornar mau e vice-versa. Em obra organizada por Constança Marcondes Cesar e Marly Bulcão, argumenta Luis Claudio Pfeil, ao tratar da consciência (sujeito ou para-si):

[...] O método fenomenológico – que ao mesmo tempo é uma crítica ao cientificismo, ao objetivismo, à reificação da consciência – consiste em revelar uma existência concreta, um sujeito concreto que é justamente *transcendência*, isto é, que está mais além de sua simples presença material e

imediate no mundo. Transcendência, naturalmente, não como ultrapassagem *vertical*, para cima, para *outro* mundo. No sentido fenomenológico, a expressão *transcendência da consciência* designa simplesmente que consciência é, em essência, *ultrapassagem de si mesmo* rumo ao seu próprio futuro. Isto é, o modo de ser da consciência não é idêntico ao das coisas: *estas são o que são* (uma cadeira, uma mesa, não se percebem como tal, não são consciência justamente!) já consciência *é o que não é* (ser consciência *é não ser coisa*, mas sim consciência de coisa!). O que equivale dizer que consciência não é algo *em si*: seu caráter é sempre *para-ser, para-si*. (CESAR; BULCÃO, 2008, 151, grifos do autor).

Com base no texto acima, verifica-se que o sujeito não é uma singela presença no mundo, pois a liberdade lhe dá o condão de mudar seus atos e projetos, o que é marca da transcendência. Sartre inclusive aborda o exemplo de uma pessoa que está à beira de um precipício e que se sente incomodada ao perceber que não há nada que lhe impeça de se lançar neste penhasco, o que se extrai deste trecho:

[...] O precipício me aparece como algo *a evitar*, representa um perigo de morte. Ao mesmo tempo, imagino certo número de causas independentes do determinismo universal e capazes de converter essa ameaça em realidade: posso escorregar em uma pedra e cair no abismo; a terra friável do caminho pode desabar aos meus pés. Através dessas previsões, apareço a mim mesmo como uma coisa, sou passivo com relação a tais possibilidades, que me atingem de fora, na medida em que sou *também* objeto do mundo, submetido à atração universal, e elas não são *minhas possibilidades*. Nesse momento surge o *medo*, que é captação de mim mesmo, a partir da situação, como transcendente destrutível em meio aos transcendentais, objeto que não têm em si a origem de sua futura desaparecimento. Será uma reação de ordem reflexiva: “prestarei atenção” às pedras do caminho, ficarei o mais longe possível da borda. Sei que estou repelindo com todas as forças a situação ameaçadora e projeto diante de mim certo número de condutas futuras destinadas a afastar as ameaças do mundo. Estas condutas são minhas possibilidades. [...] Mas essas condutas, precisamente por serem *minhas possibilidades*, não me aparecem como determinadas por causas estranhas a mim. [...] Por isso, sua possibilidade tem como condição necessária a possibilidade de condutas contraditórias (*não* prestar atenção às pedras do caminho, correr, pensar em outra coisa) e a possibilidade de condutas contrárias (lançar-me no precipício). [...] Mas me angustio precisamente porque minhas condutas não passam de *possíveis*, e isso significa exatamente: embora constituindo um conjunto de motivos para repelir a situação, ao mesmo tempo capto esses motivos como insuficientemente eficazes. [...] Em resumo, para evitar o medo, que me entrega um devir transcendente rigorosamente determinado, refugio-me na reflexão, que só tem a me dar um devir indeterminado. Significa que, ao constituir certa conduta como *possível*, dou-me conta, precisamente por ela ser *meu* possível, que nada pode me obrigar a mantê-la. Porém, encontro-me decerto já no devir, e é em direção àquele que serei em instantes, ao dobrar a curva do caminho, que me dirijo com todas as minhas forças – e, nesse sentido, existe já uma relação entre meu ser futuro e meu ser presente. Mas, no miolo dessa relação, deslizou um nada: *não sou* agora o que serei depois. Segundo,

porque o que sou não fundamenta o que serei. Por fim, porque nenhum existente atual pode determinar rigorosamente o que hei de ser. (SARTRE, 2013, p. 73-75, grifos do autor).

Percebe-se que o exemplo do suicida, acima exposto, não é algo necessariamente moral. Este pode agir em virtude de questões extremas que fogem ao controle humano, tais como uma doença mental, uma coação irresistível. Mas, por outro lado, ele pode agir com base no sentimento mesquinho de causar sofrimento a alguém, em termos meramente vingativos. Conclui-se que a ação do suicida não é o melhor exemplo de uma conduta moral.

Neste sentido, Eduardo Alberto de Menezes Bedoya reconhece que não há uma doutrina moral em Sartre, nos seguintes moldes:

Não existe uma *moral sartreana*. Ao terminar *O ser e o nada* Sartre prometeu uma obra sobre a moral, mas jamais a escreveu. O que mais se aproximou de uma Ética sartreana foi o conjunto de excertos (Cadernos para uma moral), publicados postumamente em 1983. Há referências esparsas à moral em suas obras, em entrevistas, em obras alheias. (BEDOYA, 2006, p. 61, grifos do autor).

Portanto, prova-se que Sartre não está preocupado na obra *O Ser e o Nada* com possível subsunção de sua filosofia à teoria moral. Ora, o exemplo do suicida não é uma conduta que sirva de modelo às demais pessoas. A filosofia de Sartre não trata de uma noção moral em sentido forte, mas muito mais de aspectos decorrentes do exercício de liberdade das pessoas. Quando muito, pode abordar aspectos isolados de moralidade, mas definitivamente não se cuida de doutrina moral.

Outro exemplo de projeto fundamental que não é necessariamente moral, já mencionado neste artigo científico, é aquele segundo o qual o prisioneiro pretende fugir da prisão, qualquer que seja a condição deste (SARTRE, 2012, p. 595). Cuida-se de projeto nitidamente imoral, caso ele esteja recolhido de forma justa no respectivo estabelecimento prisional. Contudo, como Sartre não analisa em sua obra o mérito da prisão ser justa ou não, ele permite ao intérprete especular sobre tal possibilidade, bem ainda conjecturar sobre a moralidade deste ato. Portanto, a fuga do prisioneiro pode ou não ser moral.

Logo, respondendo a primeira questão, a concepção de projeto fundamental não está vinculada a aspectos morais, o que se extrai dos próprios exemplos colacionados por Sartre na obra *O Ser e o Nada*.

No que tange à segunda pergunta, é importante afirmar o seguinte: Sim, ele pretende que o indivíduo seja um exemplo para a sociedade. Todavia, em outras palavras, ele estabelece uma teoria de etiquetamento dos atos e projetos escolhidos pelo sujeito. Com base nisso, ao escolher determinado plano de vida, o sujeito lança uma espécie de estampa sobre este na qual consta aos olhos dos demais a expressão “Este é um bom projeto!” Portanto, se o plano é bom para esta pessoa, deve ser bom para as outras consequentemente. Para tanto, na obra *O Existencialismo é um Humanismo*, ele expõe o seguinte:

Quando dizemos que o homem faz a escolha por si mesmo, entendemos que cada um de nós faz essa escolha, mas, com isso, queremos dizer também que, ao escolher por si, cada homem escolhe por todos os homens. Com efeito, não existe um de nossos atos sequer que, criando o homem que queremos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem conforme julgamos que ele deva ser. Fazer a escolha por isto ou aquilo equivale a afirmar ao mesmo tempo o valor daquilo que escolhemos, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem sê-lo para todos. Se a existência, além do mais, precede a essência, e nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, tal imagem é válida para todos e para nossa época inteira. Assim, nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela envolve a humanidade com um todo. Se eu sou um operário e escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista, se, por esta adesão, eu quero indicar que a resignação é, no fundo, a solução que convém ao homem, e que o reino do homem não se dá nesta terra, eu não estou decidindo apenas meu caso particular: eu quero resignar-me por todos, consequentemente, minha escolha envolve a humanidade inteira. E se eu quero algo mais individual, casar-me, ter filhos, embora este casamento dependa unicamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, com isso eu estou envolvendo não apenas a mim mesmo, mas a toda a humanidade na prática da monogamia. Assim, sou responsável por mim e por todos e crio uma determinada imagem do homem que escolho ser; ao escolher a mim, estou escolhendo o homem. (SARTRE, 2010, p. 21-22)

Porém, no trecho acima transcrito não surge a palavra “liberdade” tão propalada no livro *O Ser e o Nada*, malgrado haja implicitamente um pouco desta concepção naquela transcrição, notadamente quando o autor utiliza as expressões “escolhe”, “escolhemos” etc. Mas, por outro lado, ele enfatiza as expressões “imagem” e “valor.” Nota-se que, segundo Sartre, quando alguém estabelece o seu projeto individual, cria a imagem para os demais de como o homem deve ser. Além disto, quando se escolhe algo, concede-lhe um valor, qual

seja, bom, especialmente porque, segundo este filósofo, sempre se opta pelo bem, nunca pelo mal.

Contudo, se for observada a forte concepção de liberdade firmada no livro *O Ser e o Nada*, conclui-se que o sujeito pode escolher algo que é bom para ele e ruim para os demais, como também pode escolher algo que não é bom para si e talvez para o próximo, e eventualmente pode optar por alguma coisa que seja boa para si e igualmente boa para o outro, ou ainda algo que seja ruim para si e bom para o outro. Nota-se que não há garantia de que algo bom para o sujeito seja também bom para o outro, dada a diferença entre as pessoas. Portanto, caso isto tenha algum tipo de função normativa, pertence fatalmente a uma concepção enfraquecida por ser desprovida de coercibilidade e generalidade.

Ora, o que é bom para um político corrupto (obtenção de muito dinheiro, sem esforço, à custa do erário público) não é bom para grande parte da população brasileira (desprovida de educação e saúde). O que é bom na concepção de um sádico pode não ser bom para a sua parceira sexual. Hipoteticamente, esta poderia sofrer lesões que resultariam inclusive em sua morte.

Percebe-se que, malgrado Sartre pretenda que o indivíduo seja um exemplo para a sociedade, ele deixa as respectivas escolhas ao alvedrio de cada um. Desta maneira, estas individualmente podem ser boas. Mas ele argumenta que cada opção expressa uma imagem/etiqueta dotada de um valor, bem ainda que esta imagem pode ser copiada pelos demais. Isto porque “em tese” deveríamos escolher o que é bom para nós, e se assim agirmos, isto também seria bom para os demais. Porém, isto não pode ser elevado à condição de lei, de imperativo categórico. Isto porque Sartre não leva em consideração as diferenças entre as pessoas e que algumas podem agir com base em interesses não morais, notadamente egoístas. Logo, aquele tipo de exemplo (referência) pode ser enganador, por estar fundado numa simples imagem, que expressa um valor exclusivamente individual.

Em resposta à terceira questão, é importante dizer: Valendo-se da doutrina de Jean-Paul Sartre, é problemático falar de um projeto coletivo absoluto, tendo em vista a força individual dos projetos fundamentais. Coordená-los moral, social e politicamente é uma tarefa hercúlea, praticamente impossível. Há projetos fundamentais que são inconciliáveis, tais como nazistas e judeus, intolerantes e democráticos, religiosos e agnósticos, policiais e

delinquentes etc. A partir de todas as diferenças humanas não é factível estabelecer um projeto único, coadunado com o exercício da liberdade de escolha na confecção dos projetos individuais fundamentais.

Além disto, os novos elementos trazidos na obra *O Existencialismo é um Humanismo*, notadamente no trecho acima referido, são insuficientes para solucionar a questão. Aliás, etiquetar tais projetos, além de não solucionar o problema, pode criar outro, qual seja, incentivar a ideia de conflito e anarquia ao invés de coordenação. Se os homens são condenados a serem livres, e assim executar os seus projetos fundamentais, não é sustentável formar um projeto coletivo e coordenado a partir destes. Isto porque, segundo Sartre, cada um é responsável pelos seus atos, nos seguintes termos: [...] “o homem é responsável por aquilo que é” [...] (Sartre, 2010, p. 20) e [...] “o homem, estando condenado a ser livre [...] é responsável [...] por si.” (Sartre, 2012, p. 678).

Estas sim, por sua vez, são concepções presentes respectivamente nas obras *O existencialismo é um Humanismo* e *O Ser e Nada*, que podem ser compatibilizadas, o que será pormenorizado na seção subsequente deste artigo científico.

A resposta à questão número quatro, alinha-se às soluções anteriores. Isto porque se as pessoas devem livremente decidir sobre seus projetos individuais, independentemente de sua moralidade, como foi respondido na questão número um, não é concebível que Sartre vislumbre tal coordenação absoluta entre projetos individuais.

Além disso, não é cabível apurar uma concepção moralmente forte nas expressões “imagem” e “valor,” expressas na obra *O Existencialismo é um Humanismo*. Isto porque estes elementos não possuem força universalizante, no sentido vincular todos os projetos individuais a um padrão ou critério moral. Portanto, é fácil perceber que tais projetos podem ser inclusive conflitantes.

Por conseguinte, em resposta as perguntas de números cinco e seis, vale afirmar que as obras *O Ser e o Nada* e *O Existencialismo é um Humanismo* não resolveram aquelas questões. Isto porque, não devendo os projetos fundamentais ser necessariamente morais, as responsabilidades do homem por si mesmo e pelo mundo também não estão atreladas exclusivamente a esta característica. Ademais, os novos elementos trazidos pela segunda obra,

notadamente “valor” e “imagem” não têm o condão de atribuir um tratamento moral universalizante referente a uma responsabilidade social, conforme foi ressaltado nas respostas anteriores.

Então como compatibilizar as respostas acima com a doutrina de Jean-Paul Sartre? A adequação destas respostas à doutrina deste filósofo deve ser alcançada por meio da aplicação do correto sentido de responsabilidade na sua relação com a liberdade, de acordo com os padrões pretendidos por ele. Apurado isto, a doutrina de Sartre adquire sentido, mesmo diante daqueles problemas. Os argumentos expostos nos livros acima são compatibilizados e assim são ultrapassadas as soluções dadas aos problemas apresentados. Estes problemas tornam-se incapazes de afetar os argumentos daquele filósofo. Por isto, a correta concepção de responsabilidade será exposta a seguir:

5 O SENTIDO DA NOÇÃO DE RESPONSABILIDADE PARA JEAN-PAUL SARTRE E A QUESTÃO DOS PROJETOS DE VIDA CONFLITANTES

Mas então, qual é o sentido e como ocorre a responsabilidade de acordo com Sartre? Ora, a responsabilidade está vinculada à utilização da liberdade no sentido de fomentar escolhas e de realizar os projetos humanos. Isto permite estender a mesma interpretação feita na obra *O Ser e o Nada* ao livro *O Existencialismo é um humanismo*.

Sartre não se preocupa com questões morais num aspecto forte porque ele atribui um valor muito grande aos projetos individuais ao ponto de destinar parte de sua obra à autenticidade deles, de maneira a imputar má-fé⁴ a quem não age assim, por deixar de decidir livremente diante das opções apresentadas, como também atribuir boa-fé a quem exerce livremente suas escolhas e, por efeito, o seu projeto.

É este agir livre que lhe importa no sentido de definir responsabilidade, ou seja, interessa especialmente neste ponto os projetos de boa-fé. Por este motivo, ele tratou da

⁴ A má-fé é fuga da obrigação de liberdade e também um autoengano. Dá-se através de uma imersão no mundo, ou seja, a má-fé ocorre quando o “para si” (o indivíduo) atende aos chamados deste, de forma pré-reflexiva, negando-se a decidir diante das possibilidades apresentadas ou simplesmente se abstém de decidir para aderir a um projeto alheio pelo fato de se sentir desconfortável diante da angústia de tal escolha. Percebe-se que a má-fé não é algo feito conscientemente. Na má-fé, o “para si” age pré-reflexivamente, pois direciona a sua atenção a uma das possibilidades/evidências, normalmente mais confortável e agradável, deixando as demais encobertas sob um véu. Ela não se dá no nível de consciência. Trata-se de uma quase consciência.

consciência orgulhosa. Esta diz respeito à pessoa que tem orgulho de seus atos, que está convicta da autoria deles, independentemente de serem morais ou não. Por isto, explica Sartre:

Nesse sentido, a responsabilidade do Para-si é opressiva, já que o Para-si é aquele pelo qual se faz com que *haja* um mundo, e uma vez que também é aquele que *se faz ser*, qualquer que seja a situação em que se encontre, com seu coeficiente de adversidade próprio, ainda que insuportável; o Para-si deve assumi-la com a *consciência orgulhosa* de ser o seu autor, pois os piores inconvenientes ou as piores ameaças que promete atingir minha pessoa só adquirem sentido pelo meu próprio projeto; e elas aparecem sobre o fundo de comprometimento que eu sou. (SARTRE, 2012, p. 678, grifos do autor).

Se, por força de sua condenação à liberdade, as decisões finais sempre recaem sobre os indivíduos no que tange à escolha de seus projetos, tudo é derivado disto, inclusive o próprio mundo criado e categorizado por eles. Portanto, se não é possível deixar de decidir (escolher), também não é cabível deixar de assumir as próprias escolhas. Logo, a responsabilidade advinda disto também é irretorquível, inabalável, opressiva, conforme se averigua da transcrição do texto acima. Se a liberdade é obrigatória, a responsabilidade também deve ser dotada da mesma característica.

Mas para Sartre, é possível a atenuação de responsabilidade pelos atos praticados pelo sujeito? A resposta é negativa. O indivíduo é totalmente responsável pelos seus atos. Não há que se falar em transferência ou atenuação de responsabilidade. A cada um deve ser atribuída a sua responsabilidade.

Por efeito, esta forma de responsabilidade opressiva afasta os problemas apresentados na seção anterior deste artigo científico, quais sejam, a possibilidade de adoção de projetos imorais, a falibilidade de o sujeito ser um exemplo para a sociedade, a impossibilidade de formação de um projeto coletivo absoluto ou da coordenação dos respectivos projetos individuais, a descaracterização da universalidade dos termos indicados no Livro *O Existencialismo é um Humanismo* (“imagem” e “valor”), entre outras questões. Tudo isto se torna ineficaz diante do correto sentido de responsabilidade, o que mantém incólume a teoria do filósofo francês.

Esta concepção de responsabilidade pode ser aplicada inclusive a situações extremas como foi à prática do Nazismo. A título exemplificativo, pode-se mencionar a questão referente a Adolf Otto Eichmann, lotado no cargo de tenente-coronel das S.S (Schutzstaffel, ou “tropas de proteção”), na Alemanha nazista. Este foi capturado ao final de Segunda Guerra Mundial, em 1946, e julgado em Israel. Ele foi acusado de ter praticado diversos delitos, notadamente de ter cometido crimes contra a humanidade. Durante seu julgamento ele se defendeu no sentido de ser um subordinado, um funcionário, um singelo executor de ordens. Nota-se aqui uma evidente tentativa de redução, atenuação de responsabilidade, ou até mesmo a sua negação, eis que, este oficial das S.S. poderia inclusive alegar uma espécie de excludente de ilicitude, tal como o estrito cumprimento de um dever legal. Desta forma, ele argumentaria em síntese que seria um mero subordinado, uma singela peça da engrenagem nazista, e que, portanto, não teria a visão de toda esta estrutura de extermínio de judeus, deste evento maior, o que foi qualificado pela doutrina como sendo um conjunto de argumentos intoleráveis. (SOUKI, 2006, p. 86).

Contudo, para proporcionar a análise de todas as assertivas relativas ao tema, a doutrina aponta a importância de um sistema ou método de análise desta lide, nos seguintes moldes:

Hannah Arendt, ao contrário da posição oficial do Estado de Israel, vê no processo Eichmann um procedimento que ocorre no interesse da justiça e do direito, uma questão jurídica na sua simplicidade e profundidade. Isso lhe permite, de um lado, evitar o engano de julgar Eichmann uma vítima, bode expiatório de um regime; de outro, enfrentar as questões jurídicas do genocídio, da soberania estatal, da responsabilidade funcional, diante dos atos concretos do homem. (SOUKI, 2006, p. 79).

Verifica-se no trecho acima transcrito que o sistema ou método adequado ao tratamento do Caso Eichmann foi o processo judicial. Através dele foi possível analisar as questões concernentes às responsabilidades individual e social de tal nazista.

Com base em tudo isto, apura-se que as alegações de Eichmann não têm o condão de elidir sua responsabilidade, segundo a visão de Jean-Paul Sartre. Não cabe àquele alegar ser integrante de um evento que seria parte de um evento-maior, o qual aduzia desconhecer. Isto porque a liberdade humana obrigatória produz uma responsabilidade dotada da mesma característica: a responsabilidade é assunção obrigatória de autoria. E, sendo assim, têm o

mesmo sentido as ideias de responsabilidade individual, presentes nas obras *O Ser e o Nada* e *o Existencialismo é um Humanismo*. Da mesma forma, o mencionado nazista é também socialmente responsável (noção também compatível nestas obras), visto que, por força de seu projeto escolhido, contribuiu negativamente para o mundo enquanto maneira de ser. Isto porque, sendo um militar proeminente, Eichmann influenciou inúmeros de seus subordinados e compatriotas, que viram equivocadamente no projeto dele a imagem e o valor de algo bom. A responsabilidade de Eichmann é muito grande, visto que os valores advindos de sua imagem nazista foram copiados e assumidos como verdadeiros pelo seu povo e pelos militares nazistas subordinados a ele. Logo, diante deste quadro, não há subterfúgios que possam ser usados por alguém que esteja em pleno gozo de suas faculdades mentais.

Ademais, os referidos argumentos de Eichmann são frágeis, eis que ele era um Oficial das S.S (tropas de proteção), exercendo a alta patente de tenente-coronel. Ele não era um praça. Não se tratava de um recruta, de um soldado raso ou cabo. Este nazista tomou posse perante às “tropas de proteção” e encerrou sua carreira como oficial de alta patente. Para percorrer esta escala hierárquica foi necessário demonstrar “competência” na execução do holocausto, o que ocorreu. Isto porque este recebeu a denominação de executor-chefe do Terceiro-Reich, ou seja, um dos homens responsáveis pela “solução final.” Estas qualificações foram objeto de estudo de Janaina Cardoso de Mello e Estefanni Patrícia Santos, nos seguintes termos:

Adolf Otto Eichmann – um político nascido em Solingen, na Renânia do Norte-Vestfália, Alemanha, em 1906 – que integrou os altos quadros da Alemanha Nazista como tenente-coronel da SS. Grande responsável pela logística de extermínio de milhões de pessoas durante o Holocausto, em particular dos judeus, Eichmann esteve diretamente envolvido no que se convencionou chamar de “solução final” (Endlösung), organizando a identificação e o transporte de pessoas para os campos de concentração, atuando como “executor-chefe” do Terceiro Reich. (MELLO; SILVA, 2012, p. 4)

Da transcrição acima, apura-se o projeto de vida de Adolf Otto Eichmann, qual seja, ser um militar nazista, executor de funções de comando, responsável pelas práticas de identificação, transporte e extermínio de judeus. É neste sentido que a teoria do filósofo francês é aplicada. Segundo Sartre, não há desculpas para a escolha deste projeto. Ainda que fosse um simples praça desta força militar, deveria ser responsabilizado pelos seus atos. O homem nasce vazio, desprovido de essência, e estando condenado a ser livre, escolhe o seu

projeto e os seus atos, pelos quais assume responsabilidades. Eichmann teve a oportunidade de rejeitar o exercício de tais atos, assim que tomou conhecimento deles, mediante fuga, suicídio, deserção etc. Contudo, preferiu executá-los e aprimorá-los, razão pela qual foi condenado à morte, após exercer o seu direito de defesa.

Simon Wiesenthal, judeu, nascido no império Austro-Húngaro, em 1908, foi uma das vítimas de Holocausto e especialmente de Eichmann. Numa coletânea de nove filmes, com imagens dos atos praticados pelos nazistas nos campos de concentração, denominada *Holocausto e os Crimes da Segunda Guerra* (TRANK; SCHWARTZMAN; HIER, s. d.), aquele homem relata que, quando os aliados tomaram o campo no qual ele estava encarcerado, ele pesava menos de quarenta quilos e estava encoberto por piolhos. Relata que perdeu toda a sua família nestes campos de concentração.

Entretanto, ainda assim, preferiu dar aos seus torturadores nazistas o que estes não lhe deram: responsabilização pelos atos efetivamente praticados, em virtude do exercício de seus próprios projetos. Isto porque, mesmo apresentando um estado físico lastimável, e ainda durante a tomada do campo de concentração, segundo argumenta, ele conseguiu alcançar um grupo de militares aliados que circundavam uma mesa, responsáveis pela oitiva das vítimas e pela transcrição de seus testemunhos com o fito de instruir a acusação, bem ainda possibilitar aos acusados o exercício do seu direito de defesa. Dotado de uma incrível capacidade de memorização, mesmo fragilizado e preso durante quase cinco anos, Wiesenthal foi capaz de qualificar cada um dos militares nazistas pelo nome, patente, características físicas, e especialmente pelos atos praticados contra as respectivas vítimas, enumerando assim dezenas de pessoas. Impossibilitado de reagir enquanto preso, por força da coação dos nazistas, limitou-se a observá-los silenciosamente.

Percebe-se que os nazistas pretendiam transformá-lo em mera facticidade,⁵ numa coisa. Superando isto, Wiesenthal foi responsável pela criação de um centro de documentação sobre as vítimas do Holocausto e escreveu diversos livros. Ele não se manteve na facticidade que pretendiam lhe impor, exerceu sua transcendência e passou a dedicar sua vida a buscar a

⁵ Os homens são facticidade e transcendência. A facticidade é uma concepção diferente da transcendência, pois está ligada a ser meramente (ou exclusivamente) algo. Ela é uma característica própria do em-si (coisas inanimadas e semoventes), pois este simplesmente é, e não pode se transmutar em outra coisa, já que não expressa a liberdade de escolher projetos. Contudo, os seres humanos podem ser meramente facticidade quando não conseguem executar livremente seu projeto de vida, seja por coação ou má-fé. Nestes casos, as pessoas conseguem expressar apenas sua facticidade.

responsabilização de nazistas, o que se transformou no seu projeto fundamental. Este caçador de nazistas foi um dos responsáveis pela localização e captura de Adolf Otto Eichmann.

Mas, e se, hipoteticamente, Eichmann tivesse adotado o projeto de seu pai e pré-reflexivamente deixado de escolher “livremente” entre várias profissões, tornando-se um militar nazista, ele estaria isento de responsabilização? Não, segundo Sartre não há desculpas. Deixar de escolher livremente é uma opção, qual seja, não escolher o seu projeto, o que implica responsabilidade. Portanto, o referido nazista é responsável pelas suas escolhas.

6 CONCLUSÃO

Diante disto, pode-se concluir que a relação entre liberdade e responsabilidade expressa a realização da justiça humana, no sentir de Sartre, malgrado não haja uma imposição ou critério moral na escolha dos respectivos projetos individuais, o que se extrai das obras *O Ser e o Nada* e *O Existencialismo é o Humanismo*. Isto porque o homem é obrigatoriamente livre no exercício de suas escolhas e na realização de seus projetos. Entretanto, tudo isto produz resultados e omissões no mundo pelos quais ele deve responder. Nasce então a responsabilidade, dotada da mesma característica da liberdade, qual seja, a obrigatoriedade. Logo, se o sujeito é livre de maneira cogente, também se torna responsável nos mesmos termos. Por isto o homem deve ser orgulhoso e convicto de seus atos, motivo pelo qual deve assumir a realização deles. Neste sentido, para Sartre, a responsabilidade é assunção de autoria, seja na esfera particular ou social. Esta é a concepção correta de responsabilidade, que, por sua vez, deve se relacionar com a liberdade.

Consequentemente, nota-se que, mesmo possuindo um sentido amplo e também grande importância para a teoria do filósofo francês, a liberdade não garante o exercício de projetos fundamentais injustos (imorais, ilegais, totalitários, racistas etc.), por força daquela noção de responsabilidade. Por meio desta, são afastadas quaisquer tentativas de transferência, atenuação e negação de atos e omissões dos indivíduos, o que se aplica ao Caso Eichmann. Para a teoria de Sartre, devem ser afastados todos os argumentos que este nazista utilizou neste sentido para justificar seus próprios atos, pois só restaria a ele assumi-los, já que foi necessariamente livre para escolhê-los. Portanto, conclui-se que a doutrina de tal filósofo não é condescendente com a realização deste tipo de plano de vida, malgrado aceite a liberdade de sua escolha.

REFERÊNCIAS

BORNHEIM, Gerd. **Sartre: metafísica e existencialismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

BEDOYA, Eduardo Alberto de Menezes. **Justiça em Jean-Paul Sartre**. Belo Horizonte: Movimento Editorial da Faculdade de Direito da UFMG, 2005.

CESAR, Constança Marcondes; BULCÃO, Marly. **Sartre e seus Contemporâneos: Ética, Racionalidade e Imaginário**. Aparecida. Editora Ideias & Letras, 2008.

COX, Gary. **Compreender Sartre**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

ECKER, Diego; SALVETTI, Ésio Francisco. **Existência & Liberdade: diálogos filosóficos e pedagógicos em Jean-Paul Sartre**. Passo Fundo: Editora IFIBI, 2013.

FRANÇA, Genival Veloso de, **Medicina Legal**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 2008.

HOLOCAUSTO e os crimes da segunda guerra. Produção de Focus Filmes. Direção de Richard Trank, Arnold Schwartzman e Marvin Hier. Manaus: s.d., 09 CDs (806 minutos). NTSC, son., color. e P&B.

MELLO, Janaina Cardoso de; SILVA, Estefanni Patrícia Santos. **Museo Del Holocausto: um estudo de uma expografia crítica dos reflexos do regime nazista em Buenos Aires**. [S.I.]: Confluenze Rivista di Studi Iberoamericani, 2012. Disponível em: <www.academia.edu/4799820/Museo_del_Holocausto_estudo_de_uma_expografia_crítica_dos_reflexos_do_regime_nazista_em_Buenos_Aires>. Acesso em: 20 mar. 2015, 23:15:20.

MÉSZÁROS, István. **A Obra de Sartre: busca da liberdade e desafio da história**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

MORRIS, Katherine J. **Sartre: introdução**. Porto Alegre: Artemed Editora, 2009.

MOURA, Carlos Eduardo de. **Consciência e Liberdade em Sartre: por uma perspectiva ética**. São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Filósofos na Tormenta: Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SOUKI, Nádia. **Hannah Arendt e a Banalidade do Mal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.